

Boletim dos Associados do IPB

lapS ECOS

BOLETIM #4

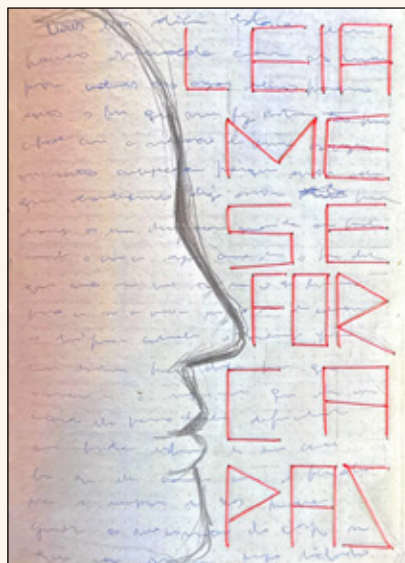


Instituto
de Psicanálise
da Bahia

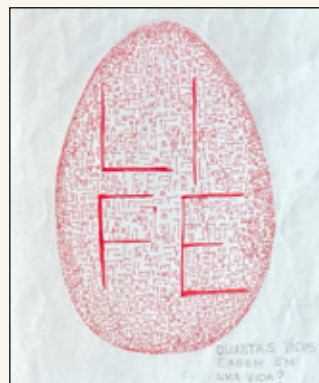
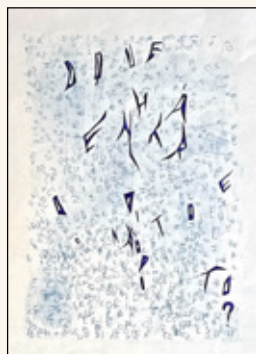
ASSOCIADO AO CAMPO FREUDIANO (PARIS)



ARTES PLÁSTICAS: Carla Carvalho



Arte da capa:
**“ORÁCULO -
LEIA-ME SE
FOR CAPAZ”**



BOLETIM DOS ASSOCIADOS DO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA

Laps – Novembro 2025

Av. Anita Garibaldi, 1211.

Ed. Central Pinheiro. Ondina.

CEP 40170.130. Salvador, Bahia.

+55 71 9391-0304 – contateipb@gmail.com

<http://www.institutopsicanalisebahia.com.br>

EDITOR:

Wilker França

COMISSÃO DE REDAÇÃO E REVISÃO:

Pablo Sauce

Jaine Porto

Wilker França

Graziela Pires

Julia Jones

Liliane Sales

Raissa Silveira

Maíra Valente

Leila Mignac

REVISÃO DE PORTUGUÊS E DE NORMAS:

Luiz Morando

DESIGN GRÁFICO:

Kako Arancibia

DIRETORIA DO IPB - BIÊNIO 2025-2027

Bernardino Horne (Diretor Geral)

Luiz Fernando Belmonte Mena (Diretor de Ensino)

Pablo Sauce (Diretor de Planejamento e Finanças)

CONSELHO DELIBERATIVO DO IPB BIÊNIO 2025-2027

Rogério Barros (Presidente)

Nilton Cerqueira (Secretário)

Aléssia Fontenelle

Bernardino Horne (Consultor Permanente)

Jordan Gurgel

Marcela Antelo

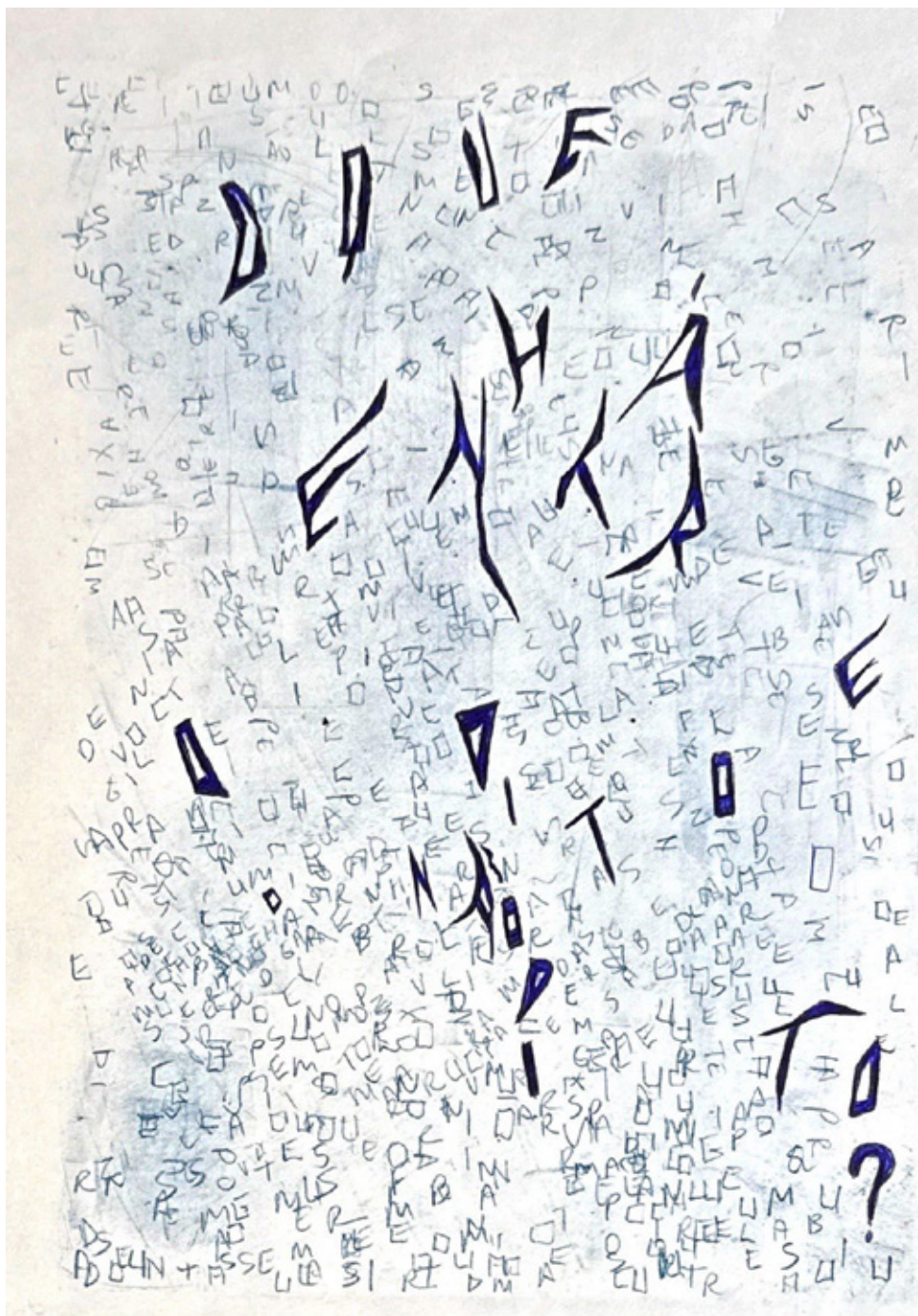
Editorial

Ecos: partitura do impossível de dizer

por *Wilker França* - Associado ao IPB

Um boletim sem forma pré-determinada e sem periodicidade carrega em si o desafio de sustentar algo do impossível, de habitar o que não se deixa fixar em moldes. E foi justamente essa aposta que animou nosso desejo ao longo do ano: fazer do informe um traço vivo, do intervalo um tempo de elaborações, do vazio uma chance de invenção.

Vínhamos chamando esta edição de “Ecos”, já que ela reúne textos que nascem de experiências vividas em dois cursos do Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB) e do Encontro Americano de Psicanálise da Orientação Lacaniana (Enapol). Em um primeiro momento, pensamos que o eco seria apenas a repetição de um som já dado, uma devolução do mesmo. Mas logo vimos que o eco não é pura repetição. O que se repete retorna deslocado, distorcido e prolongado. O eco traz o traço de quem o escuta e de onde ele ressoa. Assim também acontece com os textos reunidos aqui. Eles não se limitam a relatar ou resumir o vivido; cada um traz algo do autor, um modo singular de fazer ressoar o que o tocou.



▲ “O QUE HÁ ENTRE O DITO E O NÃO DITO”, de Carla Carvalho

Em psicanálise, escrever é encontrar palavras a partir do modo singular como cada um se arranja com o impossível de dizer.

Falando em ecos, não podemos deixar de mencionar os retornos que recebemos do boletim e que muito animaram toda a equipe. Contamos com autores que corajosamente, ao escrever, deixaram cair um grão próprio. O ato de escrever, parte inseparável da “formação” do analista, fez ressoar aqui algo do que se elabora em cada percurso, transformando o boletim em campo vivo de aposta e transmissão.

Tivemos também artistas que, em muitos casos, criaram obras especialmente para estas páginas. E as imagens, longe de apenas adornar, acentuam as palavras, dão relevo ao silêncio, e numa dança inesperada sublinham o dizer de cada autor. Essa dança só ganhou corpo porque encontrou, na sensibilidade do nosso *designer* Kako Arancibia, a escuta e a ousadia necessárias. Ele não apenas diagramou imagens e textos, como também fez ressoar entre eles um ritmo próprio. Como um músico que, ao tocar, escuta o intervalo, ele nos ofereceu não apenas *design*, mas poesia.

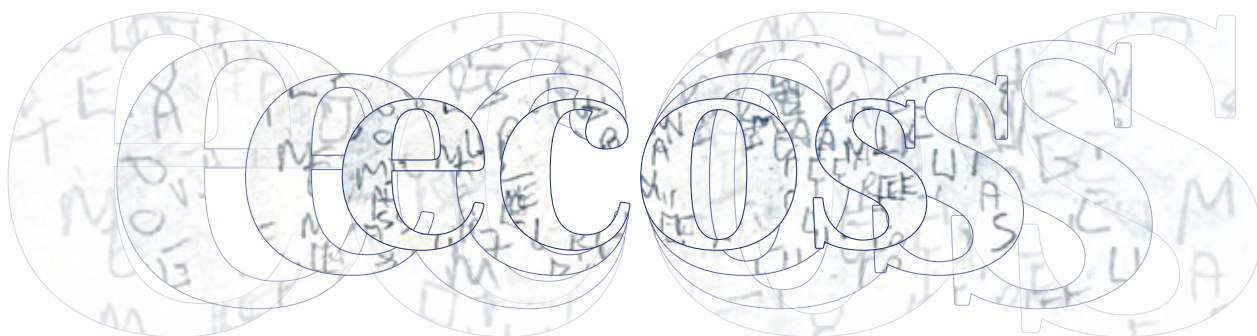
E se essa música pôde ser ouvida, foi também porque a equipe do boletim, como trabalhadores decididos, sustentou o trabalho ao longo do ano, a partir do possível de cada um. Cada gesto se tornou uma nota, cada esforço um compasso, compondo a partitura que faz vibrar o boletim. Nomeio-os: Pablo Sauce, Graziela Pires, Jaine Porto, Julia Jones, Leila Mignac, Liliane Sales, Maíra Valente, Raíssa Silveira e eu, Wilker França. Faço um agradecimento especial ao Pablo Sauce, que soube

intervir com palavras e silêncios, possibilitando que o desejo de cada um aparecesse.

Chegamos, assim, ao fecho deste ciclo, último boletim do ano, que, ao mesmo tempo, conclui e abre. Conclui o ano que passou, mas já se deixa atravessar pelo desejo que anuncia o próximo: desejo de brincar ainda mais com as múltiplas formas que este boletim pode tomar e seguir, sendo destino de corajosos que se lançam na escrita. A equipe se dedicará agora à organização e ao lançamento da revista *Lapsus*, edição 26, ainda neste ano.

Mas antes de concluir, aproveitem esta edição para lerem os textos: “Adolescência e solução trans: invenções singulares diante do Real”, de Fernanda Dumet, que faz ressoar a discussão tão importante proposta por Cris Grilo na última aula do curso temático do IPB *Adolescência no tempo do tô de boa*, coordenada por Tânia Abreu (EBP-AMP) e co-coordenada pela própria Fernanda Dumet (IPB); Julia Rezende, a partir do curso *A lógica da vida amorosa na clínica psicanalítica*, por Jorge Assef, nos presentearia com o texto “objeto (a)nalista, (a)mante, (a)mado”; para finalizar, Graziela Vasconcelos com “Do nada à realização - falar com a criança exige a palavra”, faz ressoar o vivo do Enapol. Há ainda as belíssimas imagens da artista plástica Carla Carvalho, que gentilmente cedeu sua arte. Suas imagens se entrelaçam ao texto do boletim como outra forma de leitura: ilegíveis, em ruídos e rasuras, elas inventam sua própria grafia.

Boa leitura! ❖





◀ “MORADA DOS
SONHOS”, de
Carla Carvalho

Adolescência e solução trans: invenções singulares diante do Real

por *Fernanda Dumet*
associada ao IPB-BA

Na última aula do curso temático do Instituto de Psicanálise da Bahia, intitulado Adolescência no tempo do tô de boa, coordenada por Tânia Abreu (EBP-AMP) e cocoordenada por Fernanda Dumet (IPB), fomos agraciados com uma experiência singular. Cristiane Grillo (EBP-AMP) nos conduziu por uma conversa profunda e viva sobre as “delicadas transições e soluções trans” que marcam o universo da adolescência. A noite se transformou em um espaço pulsante de diálogos e descobertas, onde

se revelaram as sutilezas e os desafios próprios dessa etapa da vida, especialmente quando atravessada por uma identidade de gênero em construção, distante dos padrões convencionais.

Logo no início, fomos apresentados ao projeto Janela da Escuta (2022), um laboratório universitário que propõe acolhimento psicanalítico para jovens e seus acompanhantes. Inspirado na psicanálise lacaniana, o projeto visa construir o caso de cada adolescente de maneira única, articulando família, território e políticas públicas. O nome em si ressoa como enigma: ao abrir uma janela onde antes havia certezas, surge a possibilidade de um novo caminho. Essa janela surpreende tanto os jovens, frequentemente marcados pelo

fracasso de se enquadrar nas normas e protocolos, quanto os profissionais, convocados a escutá-los de forma renovada. Ali, onde imperava o roteiro prescrito, instaura-se uma direção menos mortífera e mais surpreendente, sustentada pelo enigma.

A proposta de Cristiane Grillo foi a de repensar as questões de identidade de gênero à luz da clínica com adolescentes, sobretudo aqueles que escapam dos modelos convencionais. O conceito de “solução trans”, inspirado nas conversações de Jacques-Alain Miller (2024), conduziu nossa reflexão: o trans não é resposta universal ou padronizada, mas invenção singular que cada sujeito elabora frente ao real da diferença sexual. Trata-se de uma criação própria, feita de palavras, traços e significantes que marcam o percurso de cada jovem.

Nesse horizonte, a advertência de François Ansermet (2018) torna-se crucial: em uma contemporaneidade acelerada, que exige res-

postas rápidas e soluções prontas, corre-se o risco de obliterar a elaboração subjetiva. A psicanálise, ao contrário, sustenta o tempo da palavra, da pausa e do silêncio. Como demonstram também pesquisas de Miquel Misse e Noemí Parra (2022), a pressão pela aceleração atravessa a saúde mental de adolescentes trans. Mas é justamente ao resistir a essa urgência que se abre espaço para a invenção de uma solução singular, que não se antecipa, mas se constrói no tempo próprio do sujeito.

É nesse campo que emerge a questão do rechaço ao feminino. O feminino, entendido não apenas como identidade, mas como categoria normativa, pode se apresentar como imposição a ser enfrentada, recusada ou reinterpretada. Tal rechaço, longe de ser meramente destrutivo, pode operar como gesto criativo: ao contestar a feminilidade tradicional, o sujeito abre espaço para a reconstrução de corpo, linguagem e desejo. Nesse sentido, o ato de



resistir ao feminino prescrito revela-se também como uma possibilidade de invenção de novos modos de ser, mais próximos da liberdade e da singularidade.

A adolescência, com sua turbulência e potência, ensina-nos que as respostas universais sobre gênero e identidade falham em oferecer soluções adequadas. O trabalho psicanalítico, como lembra Ansermet, deve se orientar pela escuta atenta ao ritmo, às palavras e ao silêncio de cada jovem. Assim, o adolescente, em seu tempo, constrói sua própria solução diante dos impasses que o atravessam.

Em última instância, a transição – seja ela de gênero, psíquica ou existencial – não é processo linear, nem escolha simples ou caminho sem falhas. É um percurso irregular, marcado por vazios e contradições. Mas é justamente no acolhimento desses vazios que se cria a possibilidade de uma resposta única: uma solução singular, invenção viva do sujeito frente ao real, gesto que não repete, mas se inventa a cada passo. ❖



singularidades

Referências

ANSERMET, F. Disrupciones en la procreación, el género y la filiación: una introducción. *Revista Enlaces*, Buenos Aires, n. 24, p. 26-32, 2018.

GRILLO, C.; FERREIRA, B. *Janela da Escuta: o adolescente especialista de si e a tessitura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

MILLER, J.-A. *A solução trans*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2024. (Opção Lacaniana, 16)

MILLER, J.-A. Conversações clínicas. *Ornicar?*, Paris, n. 37, 1986.

MISSE, M.; PARRA, N. Adolescências trans. Acompanhar la exploración del género en tiempos de incertidumbre. Dirección de servicios de feminismos y LGBTI, Área de Derechos Sociales, Justicias Global, Feminismos y LGBTI del Ayuntamiento de Barcelona. Centro de Estudios Interdisciplinarios de Género (CEIG) y Universidade de Vic: Informe Mayo, 2022.

Objeto a *analista* *mante* *mandado*

por *por* Julia Rezende
associada ao IPB-BA

“Eu quero que você me pegue,
me abrace,
me aperte,
me beije,
me ame
e depois me mande embora que eu vou feliz
da vida, amor!”. Foi da música de Jorge Ben
Jor que me lembrei, cantando, enquanto escuta-
va um outro Jorge, o Assef (2025), em seu
curso *A lógica da vida amorosa na clínica psica-
nalítica*. O Jorge-psicanalista falava da trans-
ferência simbólica, em que o analisante supõe
um saber ao seu analista, mas principalmente
da transferência libidinal, na qual este anali-
sante deposita no analista o que nele ama e é
algo a mais que ele: seus restos que fascinam e
causam horror. É essa dimensão libidinal – de
gozo – que funda a análise e instaura o analisa-
ta como parceiro-sintoma: não o detentor do
saber, mas suporte do objeto a.

O Jorge-cantor nos conta de um amante
que também se faz de objeto e, além de querer
ser abraçado, apertado e beijado, deseja ser

“mandado,
adorado,
acariciado,
machucado,
amado”

e que depois pode ser [de novo] mandado embora,

“mesmo que sejam quatro horas da
manhã chovendo e fazendo frio”.



▲ “MORAMOR”, de Carla Carvalho



O nome da canção é *Amante amado* e chama a atenção como esse alguém que ama se faz destinatário das mais variadas paixões. Assim também é o analista, numa transferência, quando encarna o objeto que falta ao analisante e se faz depositário dos três aspectos sempre entrelaçados da paixão: amor, ódio e ignorância (Vieira, 2023). Paixões que não se fundam no encontro dessas duas pessoas, e que o analista não é causa: provêm de um vínculo anterior – da relação edípica com os cuidadores.

Sendo uma reedição de amores passados, Freud nomeou a transferência como “neurose artificial”. Já Lacan a destacou como metáfora, sempre verdadeira, pois todo amor inclui um tanto de registro e memória (apud Vieira, 2005). Miller acrescenta: “amo alguém, porque amo alguém outro”; a partir disso, se entendermos a função de amante não apenas como quem ama, mas como uma relação amorosa não reconhecida, podemos pensar que, em psicanálise, os casais são sempre casais de amantes – sem que isto implique, contudo, em traição: cada sujeito é fiel ao seu gozo, ainda que o desloque em diferentes corpos.

Vale ainda pensar que, em análise, o que fica velado não está no entorno do amante, mas do amor primeiro, edípico. O analista en-

“
O analista encarna o objeto perdido e o circunscreve para que, ao torná-lo enigma, o sujeito possa produzir uma novidade em seu modo de amar.”

carne o objeto perdido e o circunscreve para que, ao torná-lo enigma, o sujeito possa produzir uma novidade em seu modo de amar. É a partir do amor de transferência que se descortina as condições de amor de um sujeito e toda transformação nesse plano decorre da mudança nesse amor específico (Vieira, 2005).

O final de uma análise supõe ao analista, tal como ao amante da canção, “ser mandado embora”, ainda que com alguma ingratidão: no frio, chovendo, às quatro da manhã. Vale lembrar que o analista não é um ser em si, mas uma função contingente que ao longo da análise vai sendo desinvestida. Sua presença – como desejo do analista – encarna-se quando ele aceita se submeter aos significan-

tes do analisante, para, em tempo propício, se apresentar como real (Vieira, 2002) e, em seguida, cair. Laurent (2011) lembra que para a passagem do discurso do inconsciente para o discurso da psicanálise são necessários o franqueamento da identificação fantasística e a queda dos restos de identificação com o analista; assim surge um novo amor.

Em uma recente discussão de caso, Bernardino compartilhou a sua hipótese de que o trabalho de análise não apenas transforma o modo de amar – ao operar, através do amor, a passagem do gozo ao desejo –, mas também gera amor. Alguém não sai de uma análise com a mesma medida de amor com que entrou: sai com um amor a mais... e isso é lindo. ❖

enigm^a amante

Referências

LAURENT, Éric. O passe e os restos de identificação. *Opção Lacaniana online*, São Paulo, n. 4, 2011. Disponível em: https://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_4/O_passe_e_os_restos_de_identificacao.pdf.

Transmissão de Jorge Assef. “A lógica da vida amorosa na clínica psicanalítica”, 30 ago. 2025.

VIEIRA, Marcus André. Alquimias do amor (e o nó da transferência). *A vida cotidiana da psicanálise III*, 2023.

VIEIRA, Marcus André. Amor no limite. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 24, p. 11-22, 2005.

VIEIRA, Marcus André. Os três (mais um) planos da presença do analista. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 19, p. 11-24, 2002.

Do nada à realização - falar com a criança exige a palavra

por Graziela Vasconcelos - Associada IPB

Entre corpos e palavras, a abertura do XII Enapol se faz. O som ressoa no palco e convoca o corpo ao movimento, encantando a todos; mas é pela palavra que sou capturada.

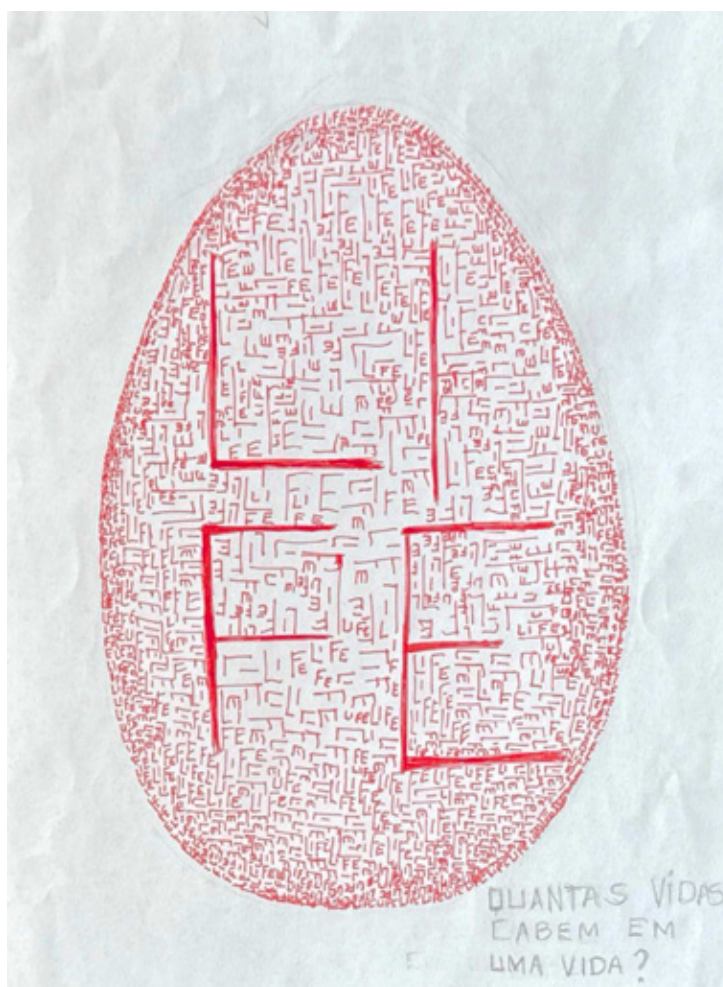
Falar com a criança é ir em direção ao inconsciente. Ir o mais próximo possível do tempo original. Essa frase, extraída da conferência de Christiane Alberti no Enapol, coloca em jogo a palavra. A palavra que funda o sujeito, mas que, paradoxalmente, não se faz capaz de dizer desse mesmo sujeito. Essa impossibilidade, me parece, seguindo Lacan em seu Seminário I, se coloca em razão de que, ao poder criador da palavra, antecede o vazio. É ele que primeiramente se faz existir e, só depois, a palavra lhe dá corpo, cria algo que vai no lugar desse vazio. Porém, o fundo de vazio, esse que de alguma maneira participa na constituição subjetiva, segue existindo e surge, de modo contingente, no presente.

A linguagem, introduzida pelo Outro, faz sua inscrição no corpo e, à medida que o faz, algo se perde. Ou seja, no lugar da coisa que se inscreve, o que fica é a marca do furo que

é deixada pela impossibilidade de que a coisa mesma se inscreva. Quando o significante inscreve uma marca, o que se inscreve na verdade é o furo da impossibilidade dessa inscrição. Freud, ao observar a brincadeira da criança, nos mostra o valor de significante no *Fort-Da* e evidencia que o significante é, antes de tudo, o rastro do nada que fica quando a mãe se vai. “Pela palavra, que já é uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a se nomear em um momento original cuja perpétua recriação o talento de Freud captou na

brincadeira da criança” (Lacan, 1998, p. 277).

Dizer que a linguagem – ou seja, o simbólico – introduz um furo no real não elimina o imaginário enquanto participante dessa ope-



“LIFE”, de Carla Carvalho

ração. Isso na medida em que a imagem que a criança constrói de si pode, de repente, ser desconstruída pelo dito do Outro, o que Lacan nos mostra por meio dos movimentos do espelho plano, governados pelo Outro, no esquema óptico. Uma criança, em seu primeiro tempo de vida, não pode captar toda a lógica simbólica da lei que o adulto introduz, muitas vezes com o objetivo de cuidar e proteger; o que lhe é possível captar está no nível do imaginário. De uma palavra a outra, seu lugar de criança preciosa pode passar a criança indesejada. É somente mais adiante que a criança pode se interrogar acerca das razões simbólicas que produzem os movimentos do espelho plano e que, por consequência, altera sua imagem e seu lugar no Outro.

A partir dessa leitura, o que parece é que localizar-se no mundo, realizar-se criança, exige, além de movimentos coordenados entre os pais e a criança, a assunção de seus devidos lugares. Notem: está em jogo aquilo que do imaginário e do simbólico se modifica, em sua articulação com o que do real não se altera, mas reitera. Outrora, em um tempo no qual a lei simbólica se impunha por meio da função paterna e o desejo da mãe se via, por ela, barrado, a criança era um sintoma do casal parental. O que Alberti marca em sua conferência é da ordem de uma *irrealização* da criança em nossa época. As crianças não mais em posição de objeto de desejo dos pais, não mais reconhecidas

por eles. Uma noção que perpassa também o discurso de Oscar Zack quando nos diz que a criança-sintoma, hoje, não responde ao desejo e sim ao gozo. O que se observa nesse cenário – a clínica nos evidencia – é uma produção, ao estilo capitalista, de uma série complexa de novos sintomas, quer seja no tempo da infância, quer seja em uma vida adulta.

O ponto sensível, me parece, é saber qual manejo clínico possível frente a cada sujeito que se oferece como analisante. Uma pista, que nos dá Alberti, nos permite sustentar a aposta na palavra: ela diz que a função da palavra na análise é corrigir a irrealização que se vive hoje. Ao que Zack, em um movimento moebiano à fala dela, faz coro: ele propõe que falar com a criança consiste em desfamiliarizar o sujeito. Ora, o que me parece fazer falar sua singularidade, o *unheimliche*, por meio da palavra que engendra a coisa, “Por aquilo que só toma corpo por ser o vestígio de um nada” (Lacan, 1998, p. 277). Ainda que as balizas que nos orientam nessa nova ordem simbólica e também, por que não pensar, nessa nova ordem imaginária, não estejam claramente posicionadas em nosso campo de visão, resta ao analista que se comprometa, que por seu ato possa tocar o corpo, fazendo o sujeito reconhecer “que nunca foi senão um ser de sua obra no imaginário, e que essa obra desengana nele qualquer certeza” (Lacan, 1998, p. 251), abrindo espaço para a interrogação e a busca por um saber. ❖

Referências

- FREUD, S. Além do princípio do prazer. (1920) In: FREUD, S. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-160. (Obras completas, 14)
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. (1953) In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 238-324.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. (1953-1954) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.